

Corpo inerte, público silente: futebol sem Pelé

**Inert body, silent audience:
football without Pelé**

Luiz Henrique de Toledo ¹

<http://lattes.cnpq.br/5366260223109463>

<https://orcid.org/0000-0002-5354-5923>

lhtoledo@ufscar.br

1 - Professor titular no departamento de Ciências Sociais da UFSCar e membro do PPGAS da mesma universidade. Coordena o LELuS (Laboratório de estudos das práticas lúdicas e sociabilidade) e segue como bolsista produtividade do CNPq.



Resumo: O ensaio oferece imagens a partir do itinerário realizado pelo pesquisador até o velório do futebolista Pelé. A observação deu ênfase a alguns trajetos e espaços até alcançar o entorno do estádio Urbano Caldeira, Vila Belmiro, cidade de Santos, onde seu corpo foi velado. A escala etnográfica permitiu capturar a trama dos signos visuais revelados numa experiência mais refratária às performances espetaculosas e midiáticas, que geralmente cercam funerais de personalidades públicas esportistas. O ritmo da deambulação em campo capturou imagens consentidas e furtivas, sugerindo certo imbricamento das emoções aos ideários antagônicos de nação condensados naquele rito funerário tomado por alegoria política. Os silêncios e a percepção imagética da perda coletiva alcançam algumas das experiências sensíveis e performáticas que têm mobilizado o Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Pelé, funeral, esporte-nação, antropologia das práticas esportivas

Abstract: *The essay offers images from the itinerary taken by the researcher to the wake of footballer Pelé. The observation emphasized certain routes and spaces until reaching the surroundings of the Urbano Caldeira stadium, Vila Belmiro, in the city of Santos, where his body was laid to rest. The ethnographic scale made it possible to capture the weave of visual signs revealed in an experience more refractory to the spectacular and media performances that usually surround the funerals of public sports personalities. The rhythm of wandering in the field captured consenting and furtive images, suggesting a certain imbrication of emotions with the antagonistic ideals of nationhood condensed in that funeral rite taken as a political allegory. The silences and the imaginary perception of collective loss reach some of the sensitive and performative experiences that have mobilized contemporary Brazil.*

Keywords: *Pelé, funeral, nation-sport, anthropology of sports practices*

Nesse ensaio tematizando o funeral de Pelé, fotoetnografado no dia 2 de janeiro de 2023 na cidade de Santos-SP, adenso em visualidade duas noções contíguas trabalhadas em Toledo (2019): morte esportiva e esporte-nação.

Os argumentos articulados naquele artigo giraram em torno da seguinte indagação: como, à luz das conjunturas políticas, mortes esportivas alimentam discursos históricos, romanescos ou míticos a respeito da nação? Na época busquei estabelecer diálogo com Guedes e Silva (2019), que trabalharam os contextos quentes inaugurados pelas jornadas de junho de 2013, o apeamento de Dilma Rousseff da presidência em 2016, coroando com a eleição presidencial de Jair Bolsonaro em 2018. Segundo os autores esse período foi marcado por aquilo que definiram como “sequestro do verde e amarelo”. No todo, o que se viu foram movimentações estimuladas por pautas políticas vindas de vários setores de uma direita que se arrogou populista e salvacionista, revisionista e reagregada de modo performático nas ruas do país.

No rol dos exemplos arrolados sobre mortes “reais” e alegóricas, discuti na ocasião alguns dos temores que fomentavam disputas e performances numa nação “dividida”. Agora podemos incluir o evento do funeral de Pelé como mais um índice a alargar os desdobramentos daquele período, acompanhado pela crise do futebol, ou melhor, de um determinado futebol encarnado na seleção brasileira e em seu status de esporte-nação.

Tanto na crônica, na literatura quanto em boa parte da produção acadêmica é possível afirmar que a icônica imagem de Pelé (Toledo, 2021) tenha sido aquela que mais plasmou, por um período significativo, as imagens do futebol como esporte-nação.

Incensada pioneiramente por cronistas da envergadura de Nelson Rodrigues, seguido por outros tantos mais, a imagem apolínea de Pelé, secretando metonímias da nação foi arrebatada também pelas teorias socioantropológicas, destacadamente pelo viés da noção de drama social (Turner, 2008[1974]). A figura de Pelé serviu de atrator, emprestando novas alegorias às conceituações de jogo e esporte, tais como futebol-arte, destino, ideologia, identidade e nacionalismo. Termos não necessariamente intercambiáveis ou solidários entre si, mas que estimularam todo um campo de estudos antropológicos, e para além dele, fixando o futebol como objeto das ciências humanas (DaMatta et alii, 1982; Toledo, 2023b).

As noções de identidade e nacionalismo centradas no futebol masculino e de espetáculo transversalizaram a trajetória de vitalidade e fenecimento da pessoa Pelé. Uma bibliografia específica¹ se deteve nas representações de afirmação e/ou negação, usos e sentidos emprestados ao seu corpo negro masculino, para muitos, singular e paradigmático, a produzir interfaces com o corpo político essencializado de nação.

Suas biografias e obituário elencam a múltipla figura que se destacou para além de jogador profissional, tais como garoto propaganda, ator, cantor amador, investidor, empresário, embaixador honorário de causas sociais, ministro dos esportes. Já seu corpo trasladou por décadas pelas várias esferas da vida sensível tanto privada quanto pública. Espiado de vários pontos de vista flutuou de corpo esportivo vitruviano a suporte de um consumerismo predador;

¹ - Toledo (2004;2021); Silva (2008); Souza (2018); Lourenço Filho (2023).

de corpo popular a corpo estatal; de corpo velado pela invisibilidade fenotípica negra à visibilidade branca advinda do estrondoso sucesso numa sociedade marcadamente racista. Por fim, o fato é que os dons de Pelé foram paulatinamente se desagregando daquele corpo concomitante às demandas por outros futebóis e representações políticas de Brasil (Toledo, 2023).

Os últimos momentos de aparição pública desse corpo negro agora inerte e recolhido num mausoléu, arrastou em sua derradeira notoriedade as representações de um país diverso daquele que o próprio Pelé em vida e atuando nos gramados pelo mundo ajudou a erigir. O processo de acomodação do futebol masculino de espetáculo, determinado pelos reveses do futebol brasileiro diante dos interesses locais e externos atados ao mercado competitivo mundializado tem estimulado um divórcio entre seleção nacional e povo, promovendo a relativização da hegemônica expressão esporte-nação.

A crise aberta pelo nacionalismo dualista, incensado na última década por disputas políticas renhidas e simplificadas num confronto “fla-flu”² entre esquerda e direita atestam em imagens o Brasil contemporâneo. De certo modo, os registros visuais recolhidos no entorno do velório de Pelé entreveem na performance silenciosa, mas não menos expressiva da população, os dilemas do nacionalismo esportivo naquele corpo síntese agora inerte.

E longe da chancela pomposa, midiática e muitas vezes apelativa que frequenta essas ocasiões de desaparecimento de personalidades públicas o que se viu na dinâmica do velório foi um Brasil bem menos espetaculoso. Espaço da ausência de muitas daquelas personalidades que acompanharam Pelé dentro e fora dos gramados, oriundas dos esportes, das artes e da política, a exceção notória ficou por conta da presença do então recém-empossado presidente Luiz Ignácio Lula da Silva, que numa agenda apertada quase não confirmaria presença, mas acabou cumprindo o protocolo de chefe de Estado.

Esse abandono nada desprezível das elites, sobretudo a esportiva, mesmo que individualmente muitos tenham sublimado publicamente a figura de Pelé, deixou seu corpo praticamente entregue à população silente na condução das homenagens. Num velório fora do contexto metropolitano passaram pela Vila Belmiro cerca de 220 mil pessoas³. O estilo de jogo denominado de futebol-arte, que conferiu forma e representação ao esporte-nação, somado à poética política de um nacionalismo que se encontra fragmentado, bloquearam quaisquer tentativas de efervescência coletiva de massa, e até mesmo um anti-drama se impôs ao longo daquele dia. Se Pelé nasceu para o futebol a partir de imagens que vertiginosamente o tornaram símbolo maior da era dominada pelas representações do esporte-nação, sua morte o devolveria ao livre curso do torcer como manifestação de dádiva local. Obrigação confirmada pelos anônimos torcedores em gestos de incontestabilidade por ocasião de seu velório.

2 – Metáfora esportiva popularizada pelo confronto entre dois grandes clubes nacionais, Flamengo e Fluminense
3 – Para se ter uma ideia comparativa o velório do automobilista Ayrton Senna no parque Ibirapuera, São Paulo, em 1994, segundo a Companhia de engenharia de tráfego, reuniu 110 mil pessoas. No velório do futebolista Armando Diego Maradona, noutra capital, Buenos Aires, em 2022, circulou cerca de 1 milhão de pessoas. Sobre funerais de esportistas consultar <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/01/de-garrincha-a-senna-relembra-funerais-que-marcaram-o-esporte.ghtml>. Acesso: 31.01.2023.

Referências

DAMATTA, Roberto. “Esporte a sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. Damatta, Roberto; Guedes, Simoni; Vogel, Arno & Flores, Luiz Felipe Baêta Neves. Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira, Rio de Janeiro: edições Pinakothèque, 1982.

GUEDES, Simoni; SILVA, Edilson Marcio Almeida. “O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais”. Cuadernos de Aletheia, [S. l.], n. 3, mar. 2019.

LOURENÇO FILHO, Fernando José. Tornar-se Pelé: a ascensão de um jovem jogador negro no futebol brasileiro. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social, FFLCH-USP, 2023.

MALINOWSKI, Bronislaw. The problem of meaning in primitive languages. In: The Meaning of meaning. New York: Harvest: Harcourt, Brace & World, Inc.1946. p. 296–336.

SANTOS, Luiza Prates; VINHAS, Luciana Iost. “Comunhão fática: um estudo interdisciplinar entre a teoria da enunciação em Émile Benveniste e a obra de Almeida Júnior”. Interletras, no 38, 2024. P. 1–10.

SILVA, Ana Paula. Pelé e o complexo de vira-latas: Discurso sobre raça e modernidade no Brasil. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ, 2008.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. Pra frente, Brasil! Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950–1983). São Paulo: Intermeios, 2018.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Pelé: Os mil corpos do rei”. In: GARGANTA, Júlio; Oliveira, José & Murad, Mauricio (Orgs.). Futebol de muitas cores e sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo. Porto, Campo das Letras/Universidade do Porto, 2004.

_____. “Mortes esportivas e alegorias políticas. Etnografando temores em torno dos esportes-nação”. Anuário Antropológico, vol. 44, n.1, pp 253–284, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.3519>.

_____. “Garrincha, Pelé and Maradona: the Sporting sacred in times of football icon veneration”. Giglio, Sérgio S.; Proni, Marcelo W. (editors). Football and Social Sciences in Brazil. Cham (Switzerland): Springer, 2021.

_____. “O dom de jogar e o torcer sem dom: extensões de uma categoria no contexto do futebol”. Revista de Antropologia, vol. 66, pp 1–25, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.204066>.

_____. “Universos em emoção: a propósito de uma exposição de arte, seu catálogo e a coletânea de estudos socioantropológicos sobre futebol”. Mana, 29(3), pp 1–34, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-49442023v29n3e2023039>.pt

TURNER, Victor. Dramas, campos e metáforas. A ação simbólica na sociedade humana. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008[1974].



Figura 01. 7:30h. A caminho da cidade de Santos observo as notícias no circuito interno da linha amarela do metrô paulistano. Chego à estação Consolação e tomo a linha verde até a estação Ana Rosa. Dali alcanço a conexão para a linha azul, que finalmente me leva ao terminal Jabaquara, de onde saem os ônibus para o litoral sul paulista. A visitação pública ao corpo de Pelé teve início às 10 horas do dia 2 de janeiro de 2023.



Figura 02. Rodoviária do Jabaquara. Sabe-se que o jogador Neymar Jr, cuja carreira teve início no Santos FC, representado pelo seu pai-empresário no velório de Pelé, foi um entusiasta da campanha de Jair Bolsonaro à reeleição para presidente em 2022. Aqui seu nome convive com as insígneas políticas de uma torcedora que também se dirigiu ao velório desde a cidade de São Paulo. Figura 03. Quiasma. Demarcando firme posicionamento ideológico, a torcedora espera pelo embarque para Santos. Ela parece ignorar, “misturar” ou suspender ritualmente o juízo de valor em relação a opção política do ídolo vivo, cujo nome está estampado às costas da sua camiseta.





Figura 04. Sol escaldante. Sob uma canga de praia mulher e jovem perambulam nas imediações do estádio Urbano Caldeira.



Figura 05. Drapeado. Presença ostensiva das Torcidas Organizadas do Santos FC desfraldando e performando suas bandeiras a pedido de jornalistas estrangeiros.



Figura 06. Varal. Intenso comércio rodeou as imediações do estádio. Figura 07. Torcedores-família. Predominou no velório o uso das camisas amarelas amalgamando selecionado e Pelé. Camisas da seleção brasileira customizadas pelo oportunismo do comércio local impuseram a síntese do nacional com a pessoa recém desaparecida.



Figura 08. “Zagueiros”. Naquele ambiente cercado por gravidade e formalismos rituais as imagens permitem expandir as metáforas e ambiguidades de domínio do jogo. Figura 09. Múltiplo. O sócia “oficial” de Pelé, Nicanor Ribeiro, marca presença e empresta seu corpo às fotos jocosas com torcedores anônimos.





Figura 10. Tempo de espera. A multidão serpenteia o acesso ao portão de entrada do estádio-velório. Figura 11. Torcedora. À noite e no itinerário do metrô, de regresso à capital paulista, compartilho o cansaço com essa senhora, que também retornava do velório do seu ídolo.





Figura 12. Devoção de alma.



Figura 13. Devoção de pele.



Figura 14. Movimento Verde e Amarelo. Nas disputas pelo torcer esse movimento criado em 2008 por universitários de classes mais abastadas e de perfil majoritariamente branco, se autodeclara a primeira torcida organizada para a seleção brasileira do país. Figura 15. Torcer e ideologia. Mais ufanistas e portadores de um discurso laudatório integrantes desse movimento já rivalizaram com torcidas organizadas e torcedores estrangeiros. Há quem identifique no MVA traços de discursos e práticas conservadoras à direita. Marcando presença no velório de Pelé o papel dessa modalidade de torcida ainda espera por análises etnográficas mais detidas. Um breve perfil está disponibilizado na matéria “Bolsonarismo? Elitismo? O que é o Movimento Verde e Amarelo, que acompanha o Brasil no Catar?”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/esporte/bolsonarismo-elitismo-o-que-e-o-movimento-verde-e-amarelo-que-acompanha-o-brasil-no-catar/>. Acesso em: 31.12.2023.



Figura 16. A multidão circulante se misturou à iconografia urbana do velório composta por imagens fáticas de Pelé jogando. Estabeleceu-se ali uma “comunhão fática” (Malinowski apud Santos; Vinhas, 2024) entre ritual funerário, a linguagem intermitente dos silêncios vindos das casas e muros da Vila Belmiro revestidos com as icônicas imagens do ídolo.



Figura 17. 21:25h. De volta ao metrô, coligi a experiência etnográfica vivida há pouco com as imagens hiperbolizadas, represadas e abundantemente veiculadas nas mídias. O féretro foi no dia seguinte, 3 de janeiro, tomando ruas e bairros da cidade de Santos. O cortejo passaria defronte da casa de sua mãe e familiares.